

# Os desafios de fazer avançar a análise do discurso no Brasil com singularidade e liberdade<sup>1</sup>

*Maria Cristina Leandro Ferreira\**

## Resumo

A escrita do presente texto resulta das inquietações acerca da pluralidade de trabalhos desenvolvidos na área da análise do discurso no Brasil. É traçado um quadro comparativo entre a atual situação da teoria em seu país de origem – a França – e o seu desenvolvimento em solo brasileiro. Os direcionamentos das pesquisas mostram o quanto a teoria avançou, as novas tendências e os inúmeros desafios que se impõem aos analistas, como a necessidade de contínuos diálogos com as diferentes abordagens discursivas, suas ressonâncias no campo do discurso político, pelas distintas materialidades.

*Palavras-chave:* Análise do discurso. Político. Redes discursivas.

## Os desafios que nos cercam

Quando comecei a esboçar a escrita do presente texto, fiquei de início pensando nas razões que motivaram a escolha do título que atribuí ao mesmo. Que inquietações eram essas que me fizeram assim formular o que chamei de “desafios”? Devo esclarecer que isso foi feito dentro de um contexto estrangeiro, isto é, no período em que estava em Paris, durante o ano de 2008. Acho que aos poucos, no desenrolar da exposição, esse fato vai se tornar mais evidente e fornecer mais pistas para essa decisão.

\* Professora do PPG-Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (1994). Estágio de pós-doutorado em 2008, Paris 3, na Université de la Sorbonne Nouvelle, sob supervisão de Jean-Jacques Courtine. Coordena, desde 2003, o Seminário de Estudos em Análise do Discurso (SEAD), que se realiza a cada dois anos em Porto Alegre.

Data de submissão: abril de 2009. Data de aceite: maio de 2009.

Pretendo organizar o meu texto situando, de início, a especificidade da análise do discurso (AD) a que me filio e da qual vou tratar aqui. Considero importante fazer isso, pois as inúmeras referências à pluralidade da área constituem um bom parâmetro da diversidade e densidade que caracterizam a análise do discurso que se faz no Brasil.

É sempre uma tarefa complicada definir o que se entende por análise do discurso e apresentar seus principais traços e contornos, mesmo estando entre pares (ou até por isso mesmo). Isso não chega a surpreender, porque, afinal, ser analista de discurso, aqui ou no exterior, é estar preparado para lidar com paradoxos, controvérsias, mal-entendidos. Significa que nós, analistas, somos forjados nesse território de lutas e questionamentos, o que acaba nos moldando e preparando para os embates, tanto de ordem teórica, como política e institucional, que enfrentamos em nossa área de pesquisa.

## Análise de discurso francesa e suas origens

Falar de meu pertencimento a uma análise de discurso francesa, *grosso modo*, implica delimitar as origens e fundamentos da análise do discurso que aqui me interessa e que tem seus primórdios em torno de 1968, ano emblemático para toda a intelectualidade francesa. A assim chamada análise de discurso francesa inicia, portanto, no final da década de 1960 e se estende até início da de

1980, quando vive seus estertores, após a morte de Pêcheux, de Althusser (uma morte-em-vida), de Lacan, de Foucault, de Barthes, para enumerar algumas das referências centrais do movimento estruturalista, contra o qual a análise do discurso tentou fazer frente, ainda que sem conseguir romper de todo.

Essa geração, chamada de “althussero-lacanianana”, porque constituída em torno do sistema de pensamento dos dois grandes mestres – Althusser e Lacan –, foi destroçada por uma conjuntura de fatos de ordem diversa que a fez assistir, nas palavras de uma integrante do grupo (Elisabeth Roudinesco), “à agonia de um comunismo impossível e à agonia mental de um mestre (Louis Althusser). Os heróis da revolução althussero-lacanianana, segundo Roudinesco (1995), foram condenados à morte, ao suicídio ou à loucura, por não terem podido fazer o luto da revolução fracassada”.

A revolução fracassada a que alude a historiadora e psicanalista francesa é a revolução do comunismo, do marxismo enquanto teoria, a ditar os rumos e as ações de toda uma geração. Um dos marcos dessa derrocada é o fim da aliança denominada União da Esquerda, rompida pelos comunistas em 1977, antes, portanto, da eleição de Mitterrand, que se deu em 1981.

O ponto de partida da “operação” intervencionista, chamada análise do discurso, se dá na França, mais precisamente em Nanterre, em torno da figura de Jean Dubois, que reuniu ao seu redor

toda uma turma de militantes, comunistas na sua grande maioria. Segundo Jean-Jacques Courtine, também ele integrante desse grupo inicial apadrinhado por Dubois, esse interesse em fomentar a então debutante análise do discurso se dava por razões tanto políticas – Dubois era marxista e reconhecia a importância da história – como linguísticas, pois havia sido ele que fizera traduzir Zellig Harris na França e desejava, portanto, que a linguística incluísse questões de discurso. Havia, então, os historiadores preocupados com a linguística e linguistas preocupados com a história, entre eles Régine Robin, Jacques Guilhaumou e Denise Maldidier. É importante reitar esses fatos históricos da fundação da análise do discurso em solo francês para não esquecer nem apagar, como se constata por vezes, a relação de tudo isso com a política.

Esse foi o caso de Michel Pêcheux, um filósofo interessado por máquinas, dispositivos e aparelhos, e de todos os que lhe eram próximos. Segundo ainda depoimento de Courtine, o lado político dessa história teve um peso decisivo no destino deles todos, fossem ou não analistas de discurso (como é o caso de Françoise Gadet, Jean-Marie Marandin, Francine Mazière, Michel Plon, a própria Elisabeth Roudinesco...). A luta principal era travada no interior do marxismo e de seus conflitos: Althusser, de um lado, Partido Comunista Francês e sua linha, de outro. Importante observar que, com o tempo, essa bandeira que marca as

condições de surgimento da análise do discurso na França se torna difícil de sustentar, a ponto de Courtine ter a ela se referido como “o cadáver no armário” da análise do discurso. Eu mesma pude conferir essa sensação ainda hoje na França, onde o nome de Pêcheux funciona quase como *un gros nom*, um nome feio. Vale dizer, a história da análise do discurso na França, em seu início, foi uma história política de engajamento, que não mais foi retomada pelas análises de discurso vigentes desde então.

Mas ela continua lá, ainda que “no armário”, produzindo mesmo assim certo desconforto e mal-estar. Nesse sentido, quando se fala no percurso da análise de discurso francesa, a referência a Michel Pêcheux se impõe, ainda que ninguém se detenha mais no quadro teórico construído à época por ele e seu grupo. Isso quer dizer que noções como formação discursiva, formações ideológicas, interdiscurso, pré-construído, discurso transversal, memória discursiva se perderam na poeira do tempo e raramente são empregadas nas análises em curso. Se quisermos ver tais noções em funcionamento e produtivamente empregadas na análise de distintas materialidades discursivas, há que se ficar no Brasil, que continua sendo considerado (aqui e lá fora) como o lugar mais representativo dessa linha pêcheuxtiana.

O Brasil é, então, hoje, pode-se dizer, a atual morada da análise do discurso da vertente francesa. Um fato curioso e que ilustra bem o que venho tentando

traçar como panorama atual da análise do discurso na França é o comentário que me fizeram quando eu disse lá na França que trabalhava na linha de Michel Pêcheux. Uma colega, então, me perguntou: “Então, ele sobrevive no Brasil?” Ao que respondi: “Não, ele não sobrevive, ele vive.” E vive e continua teoricamente uma referência forte, graças ao trabalho consistente dos analistas brasileiros, à solidez do material conceptual, que continua sendo acionado nas análises, e à renovação metodológica encontrada para fazer frente aos novos discursos, bem distantes da *langue de bois* (língua de madeira) de então.

## O quadro atual da análise de discurso na França

Para fazer um breve panorama da análise do discurso na França atualmente, há que se enfatizar, como vimos fazendo, que ela em nada lembra a análise do discurso como foi concebida em sua fundação. Uma análise do discurso revolucionária, politicamente engajada, formada por militantes marxistas e com um viés intervencionista declarado, tendo com alvo o positivismo imperante nas ciências humanas da década de 1960 na França. Portanto, quando se fala em análise do discurso na França, é preciso separá-la em dois segmentos: a AD inicial – de 1960 a 1980 – e a outra AD, a partir da década de 1980 até agora, que foi se configurando a partir do desaparecimento dos nomes fundadores

e de suas motivações. O nome análise do discurso se mantém, mas o conteúdo é totalmente outro.

Assim como no Brasil, na França das últimas décadas há análises de discurso, sediadas em centros como Paris III, Paris VIII, Paris XII, Paris XIII, Montpellier, mais ou menos identificadas com a linguística, mas praticamente nenhuma vinculada à história e à psicanálise, como se deu na sua origem. Para dar uma concretude maior a essa breve exposição, vou falar de um encontro internacional importante que ocorreu recentemente em Paris e que, para mim, serviu como uma vitrine privilegiada das pesquisas e ações em marcha no campo do discurso, sobretudo na França.

Esse colóquio ocorreu em novembro de 2008, organizado pela Universidade de Paris 3 – Sorbonne Nouvelle – tendo por tema “Análise do discurso e demanda social: questões teóricas e metodológicas”. Três línguas foram aceitas: o francês, inglês e espanhol. Os brasileiros presentes não eram muitos, até porque a seleção foi rigorosa dentro dos critérios dos organizadores. Só fui entender melhor o alcance dessa “demanda social” ao assistir às principais conferências, que davam a direção e a dimensão teórica e metodológica pretendidas. Entre os conferencistas anunciados, Malcom Coulthard, Norman Fairclough (ausente), Josiane Boutet, Isabelle Leglise, Eni Orlandi, entre outros. De todos, o trabalho destoante foi o da Eni Orlandi, que não entrou na proposta da “demanda social”,

fato que me deixou bastante aliviada e confortada.

A tônica das apresentações era refletir sobre as novas exigências que se apresentam para a análise do discurso e como direcionar a pesquisa para atender a tais demandas do mercado. Nesse sentido, os termos que por lá circularam durante o encontro iam de “intervenção social a encomendas, clientes, pesquisa-ação, oferta, resultados...” Ao comentar com uma das participantes minhas impressões sobre o colóquio, ouvi dela, uma linguista francesa renomada e respeitada, que, evidentemente, se situa na contramão dessa tendência, um desabafo forte, no qual ela chega a usar o termo “colaboracionista” para designar essa linha da análise do discurso em marcha na França atualmente.

Faço esse relato para contrapor o cenário inicial das décadas de 1960/1970, que marcou o aparecimento da análise do discurso, toda ela fortemente afetada pelo marxismo e mergulhada numa história de intervenção política, e o cenário de agora, ilustrado pelo que se viu no recente colóquio, onde a ideia de intervenção se mantém, mas totalmente despolitizada, mais próxima da sociolinguística e da pragmática.

É justo que se ressalve que lá na França, assim como no Brasil, não se pode falar de uma tendência homogênea de análise do discurso; estamos, sim, destacando aquilo que se viu de forma predominante. Há de haver algum grupo de pesquisa aqui e ali que trabalhe

numa direção diferenciada, ainda que seja menos comum encontrá-lo.

## A análise de discurso francesa no Brasil

Como lidar então com essa herança que recebemos da França e que insistimos em preservar e renovar? Aqui começa a aparecer a segunda parte do título de minha fala, que menciona “singularidade e liberdade”. O que significa ser singular ao trabalhar com uma análise do discurso de vertente francesa em solo nacional e em condições brasileiras?

Disse isso em outro texto e reitero aqui: Ser singular é encontrar na forma-sujeito um modo de fazer presença, sem destoar, mas sem fazer coro tão-somente, ou seja, sem romper os fios que nos prendem a uma referência, ser capazes de buscar caminhos próprios dentro desse espaço e, assim, fazer a diferença. E isso o campo discursivo brasileiro vem sabendo fazer, respeitando as diferentes trajetórias da análise do discurso no Brasil, os principais teóricos balizadores de cada linha e as especificidades conceituais de cada grupo de pesquisa.

O que estamos buscando construir é uma análise do discurso própria sem *submissão, mas com fidelidade referencial*. Acho que podemos trazer para nossa realidade discursiva uma observação lapidar de Roudinesco, dita a propósito de um outro espólio – o espólio do pensamento lacaniano, motivo de uma terrível cisão entre os psicanalistas franceses. O

que disse ela: “A Escola [Psicanalítica] não é partido, a causa [lacaniana] não é religião e sua obra [Lacan] não é catecismo.” Vale o mesmo para o espólio pêcheuxtiano.

Não se trata de cultuar nomes, tampouco de destruí-los, pelo esquecimento, pela indiferença ou pelo ataque explícito. O esforço e o empenho dos analistas de discurso brasileiros, ligados à análise do discurso francesa (lá da origem), cada um a sua maneira, é o de fazer avançar a teoria, ajustando-a às determinantes sociais, históricas, culturais e políticas, de modo que ela continue produzindo resultados e respondendo a nossas demandas.

Ao contrário da França, onde acaba acontecendo uma gradativa redisciplinarização, uma reterritorialização da análise do discurso, usando expressões cunhadas por Courtine, no Brasil a análise do discurso não se esvaziou nem se descaracterizou como teoria materialista dos sentidos. É evidente que não podemos seguir repetindo os velhos chavões do materialismo dialético e histórico, nem falar da ideologia usando apenas a relação com a luta de classes. Não, não quer dizer que a ideologia tenha acabado ou que a contradição entre as classes não exista mais. Ocorre que na sociedade contemporânea a realidade é mais complexa e as formas de dominação ganharam novas cores e formatos.

Como bem disse Courtine, o “fim das ideologias”, como chegou a se falar na década de 1980, diz bem do fim de um

discurso, o fim do marxismo como teoria da ideologia. E também o fim brutal de muitos daqueles que sustentavam tais ideias. Mas isso não quer dizer, acho importante insistir, que não haja mais ideologia. O que é preciso é encontrar diferentes chaves de interpretação da ideologia e de como ela vem se manifestando na sociedade e sendo representada. E isso a análise do discurso a que me filio no Brasil vem buscando empreender, mantendo-se fiel as suas origens e, claro, pagando um preço por isso. É a tal fidelidade sem submissão a que me referi há pouco: sem apagar o lugar singular dos fundadores, mas também sem sufocar as formulações próprias e as posições dos analistas de discurso brasileiros.

A teoria, nesse aspecto, encontra-se sempre em xeque, tendo seus limites redefinidos e reconfigurados, testados e discutidos pela atividade de seus seguidores. Aí está, talvez, em parte, uma das razões pelas quais a análise do discurso não se esvaziou no Brasil, como ocorreu na França. Aqui ela se mostra pulsante, sem receio de incorporar novas materialidades e sem estacionar nas questões e querelas que marcaram sua origem europeia. Até porque temos as nossas próprias, que já nos mantêm bem ocupados. Diria que no Brasil estamos construindo a “aventura do discurso” a múltiplas vozes, como resultado de uma empreitada coletiva, que, por vezes, faz ecoar aqui e ali dissintonias, desconfortos... mas sem que isso chegue a nos fazer perder o rumo.

Ser analista de discurso no Brasil hoje significa o empenho em demarcar os limites e as especificidades do quadro teórico, não deixando banalizar o aparato conceptual construído, nem diluir os procedimentos de análise sob a forma de modelos úteis de aplicação imediata. Significa manter presente a ideia de ruptura e de resistência, traços fundadores da teoria que estão na base de muitos dos conceitos com os quais ela opera e que a faz enfrentar as evidências da significação. E significa também a sabedoria de não se fechar em guetos, reconhecendo nas diferentes abordagens discursivas elementos de visibilidade e de amadurecimento para a teoria.

O modo como a análise do discurso de linha francesa (evito usar a expressão “escola”) trabalha com a língua, como estrutura simbólica que comporta o não sistematizado (o furo, a falha); com o sujeito, como ser-em-falta, efeito dessa estrutura de linguagem, sendo ao mesmo tempo sujeito do desejo (sujeito do inconsciente) e da ideologia (sujeito assujeitado); e com o discurso, como materialidade linguística e histórica, que incorpora a exterioridade não como complemento, mas como elemento constituinte, representa um modo único e próprio da forma como a análise do discurso compõe o seu tabuleiro, escolhe suas peças e arma seu jogo no campo da linguagem. E esses traços são tão marcantes que afetam de uma maneira incontornável todos os que se sentem concernidos pela teoria, ainda que não se considerem analistas de discurso. O

fato é que é muito difícil ficar indiferente à análise do discurso: ela perturba, desinstala, desacomoda, inquieta...

## Novas tendências para a análise do discurso no Brasil

A análise do discurso surge no Brasil no final da década de 1970, numa conjuntura completamente diferente do que ocorrera na França. Aqui houve desde o início uma nítida institucionalização da análise do discurso, fazendo com que as alianças e parcerias se constituíssem dentro do espaço acadêmico, transformado em foro privilegiado no embate com as disciplinas vizinhas e, entre elas, com destaque, a linguística. Na França, como se sabe, Pêcheux e seu grupo valeram-se da análise do discurso como artifício, como verdadeiro “cavalo de Tróia” a tumultuar, especialmente, o campo das ciências sociais da época, consideradas positivistas.

No Brasil, na sua fase de implantação, a análise do discurso também se centrou na análise de discursos políticos, o que lhe valeu críticas desqualificadoras da parte de linguistas tradicionais. Aos poucos, porém, o leque de discursos submetidos à análise foi se ampliando e diversificando, abarcando desde discursos institucionais a discursos do cotidiano. Esse fato foi decisivo para testar a consistência e coerência do arcabouço conceptual e também para dimensionar a potência metodológica da teoria. Novos

objetos discursivos exigiram, por sua vez, novas formas de análise, abrindo espaço, por exemplo, para trabalhar com as questões provenientes da relação entre discurso e imagem. Nesse sentido o dispositivo teórico e analítico precisou ser revisto, abarcando novas categorias e procedimentos.

Mesmo o discurso político não pôde mais ser analisado sob os mesmos moldes de então, centrados nas condições de produção e na análise formal das sequências discursivas. A penetração da linguagem eletrônica e suas ressonâncias no campo do discurso político precisam ser devidamente dimensionadas em seus efeitos de instantaneidade e mundialização. Veja-se o caso da internet na eleição de Obama nos Estados Unidos e o papel de *sites*, *blogs* e endereços como o YouTube nas campanhas políticas em geral. Em todas essas distintas materialidades, o acesso se faz pelo fragmento, pelo resíduo, pelo que sobra e pelo que falta, pelo que escapa ao simbólico, pelo que toca o real da língua, o real da história e o real do sujeito. Enfim, há uma gama imensa de possibilidades, que estão a desafiar a potencialidade e o vigor do aparato teórico-analítico do campo discursivo.

E é reconfortante e auspicioso constatar que os analistas de discurso brasileiros vêm conseguindo ser contemporâneos de seu tempo.

Para encerrar esse relato, um recado do mestre Guimarães Rosa: “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa,

sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.” (GSV, p. 241).

Junto com o mestre, ousou dizer: *O que a análise do discurso quer da gente é coragem!*

## The challenges of advancing the discourse analysis in Brazil with singularity and freedom

### *Abstract*

The writing of this article derives from concerns about the plurality of studies on Discourse Analysis in Brazil. A comparison is drawn between the current situation of the theory in its country of origin – France – and its development in Brazil. The directions of research show how much the theory has advanced, the new tendencies and the many challenges imposed to researchers, such as the need of ongoing dialogue with different discursive approaches, its reflections upon the field of political discourse, through distinct materialities.

*Key words:* Discourse analysis. Politician. Discursives net.

### Nota

<sup>1</sup> Versão inicial deste texto foi apresentada em João Pessoa, no Congresso da Abralín, na mesa-redonda Análise do Discurso e múltiplas trajetórias, em 7/3/09.



## Referências

COURTINE, Jean-Jacques. Entretien avec Jean-Jacques Courtine sur son parcours scientifique, sur la notion de “discourse” et sur le “corps” comme objet d’étude. Par Silvia Nugara, doctorante de Sciences du Langage (Università degli Studi di Brescia, co-tutelle Paris III - Sorbonne Nouvelle). 17 jun. 2008 [no prelo].

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. Análise do discurso, herança e filiações: uma questão mal resolvida. In: SARGENTINI, Vanice (Org.). *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Claraluz, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Genealogias*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.